

FICHA TÉCNICA

Título original: *Lie Down With Lions*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 1985 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Luís Silva dos Santos*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Karina Vegas/Arcangel*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 427 443/17

1.ª edição, Lisboa, julho, 2017

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

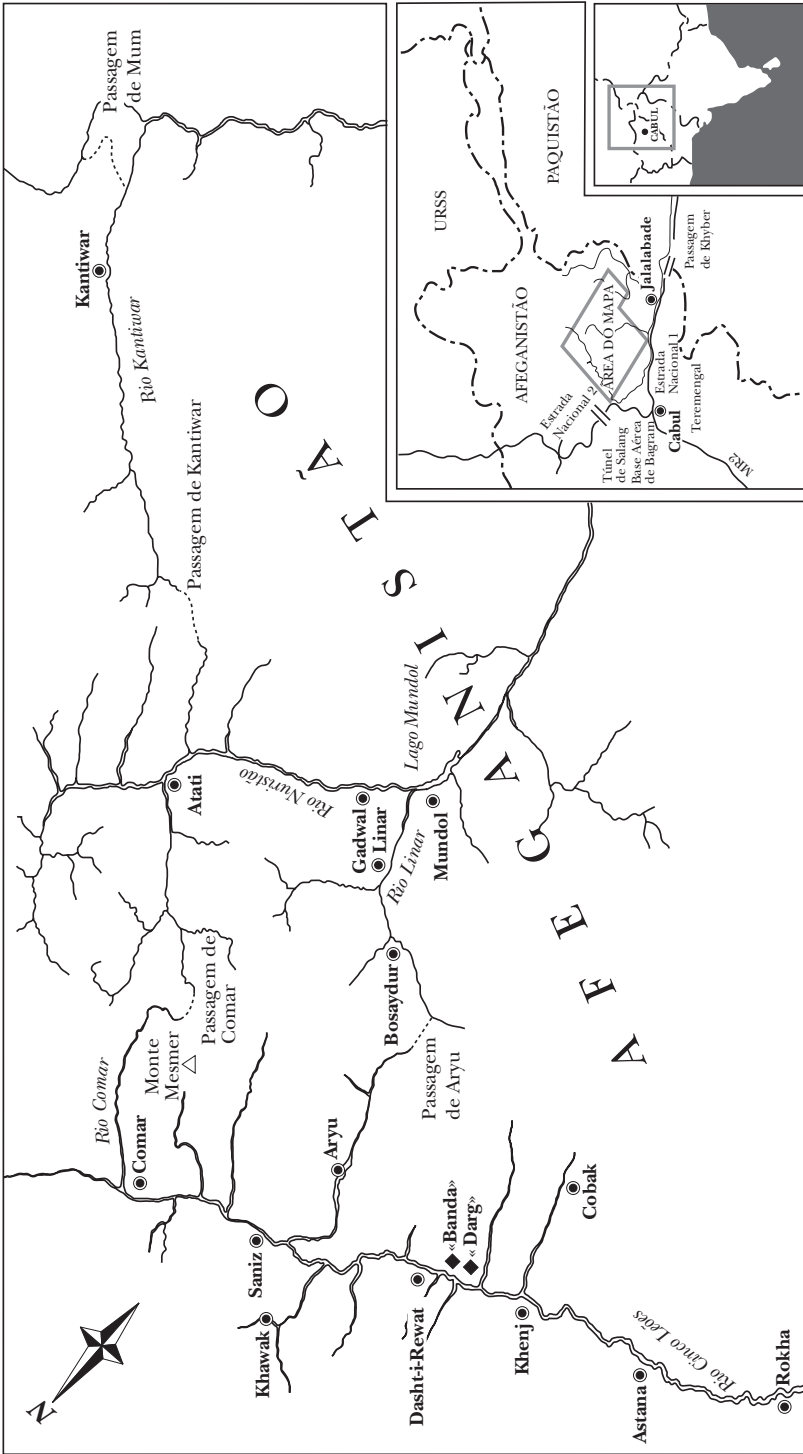
Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt



PRIMEIRA PARTE

1981

CAPÍTULO 1

Os homens que queriam matar Ahmed Yilmaz eram pessoas determinadas. Estudantes turcos exilados, a viver em Paris, já tinham assassinado um adido da embaixada turca e tinham colocado uma bomba incendiária na casa de um alto executivo da Turkish Airlines. Escolheram Yilmaz como próximo alvo porque ele era um abastado apoiante da ditadura militar e porque, muito convenientemente, vivia em Paris.

A sua casa e escritório estavam bem guardados e a limusina *Mercedes* era blindada, mas os estudantes estavam convencidos de que todos os homens têm alguma fraqueza, e essa geralmente é o sexo. No caso de Yilmaz estavam certos. Duas semanas de vigilância discreta revelaram que Yilmaz saía de casa duas ou três noites por semana, ao volante da carrinha *Renault* que os empregados usavam para ir às compras, e se dirigia a uma rua secundária no Décimo Quinto Bairro para visitar uma bela e jovem turca que estava apaixonada por ele.

Os estudantes resolveram colocar uma bomba no *Renault* enquanto Yilmaz estava na cama com a amante.

Sabiam onde conseguir os explosivos: através de Pepe Gozzi, um dos muitos filhos do padrinho corso Meme Gozzi. Pepe era traficante de armas. Estava disposto a vendê-las a qualquer um, mas preferia clientes do tipo político, porque, como ele mesmo admitia alegremente, «os idealistas pagam melhor». Já ajudara os turcos nos seus dois anteriores atentados.

Havia um senão no plano de instalar a bomba no carro. Geralmente, Yilmaz saía sozinho do apartamento da rapariga... mas

nem sempre. Às vezes levava-a a jantar fora. Com frequência, ela pegava no carro e voltava meia hora depois com pão, fruta, queijo e vinho, obviamente para um jantar íntimo. Noutras ocasiões, Yilmaz voltava para casa de táxi e deixava o carro com a rapariga um dia ou dois. Os estudantes eram românticos, como todos os terroristas, e estavam relutantes em correr o risco de matar uma bela mulher cujo único crime, facilmente perdoável, era o de amar um homem que não a merecia.

Discutiram o problema de forma democrática. Tomavam todas as decisões mediante votação e não reconheciam nenhum líder; mesmo assim, havia entre eles um cuja forte personalidade o tornava dominante. Chamava-se Rahmi Coskun e era um jovem bonito e feroso, com um grande bigode e o brilho nos olhos de quem estava destinado à glória. Graças à sua energia e determinação levaram-se a cabo os dois projetos anteriores, apesar dos problemas e riscos que acarretavam. Rahmi propôs consultarem um especialista em bombas.

De início, os outros não gostaram da ideia. Em quem poderiam confiar?, perguntaram. Rahmi sugeriu Ellis Thaler. Era um americano que se considerava poeta, mas que na verdade ganhava a vida a dar aulas de inglês e aprendera tudo sobre explosivos enquanto soldado no Vietname. Rahmi conhecia-o há cerca de um ano; os dois tinham trabalhado juntos num jornal revolucionário de vida curta, chamado *Chaos*, e organizado uma noite de poesia com a finalidade de angariar fundos em benefício da Organização para a Libertação da Palestina. Ellis parecia compreender a fúria de Rahmi em relação ao que se estava a fazer à Turquia e o seu ódio pelos bárbaros responsáveis. Alguns dos outros estudantes também conheciam Ellis superficialmente; ele participara em diversas manifestações e supunham-no um estudante ou um jovem professor. Ainda assim, estavam relutantes em admitir na conspiração alguém que não era turco; mas Rahmi insistiu e por fim os outros consentiram.

Ellis ofereceu prontamente uma solução para o problema: a bomba seria acionada via rádio. Rahmi sentar-se-ia a uma janela em frente do prédio da rapariga ou num carro estacionado, de olho

no *Renault*. Teria na mão um pequeno transmissor de rádio, do tamanho de um maço de tabaco — semelhante aos usados para abrir portas automáticas de garagem. Se Yilmaz entrasse sozinho no carro, como quase sempre acontecia, Rahmi premiria o botão do transmissor, e um sinal de rádio ativaria um interruptor na bomba, que seria então armada e que explodiria assim que Yilmaz ligasse o motor. Mas se fosse a rapariga a entrar no carro, Rahmi não premiria o botão e ela poderia afastar-se numa abençoada ignorância. A bomba não ofereceria qualquer perigo enquanto não fosse armada.

— Se ninguém mexer no transmissor, não há explosão — garantiu Ellis.

Rahmi gostou da ideia e perguntou se Ellis estaria disposto a colaborar com Pepe Gozzi no fabrico da bomba.

— Claro — respondeu Ellis.

Havia, porém, mais um senão.

— Tenho um amigo que quer conhecer-vos aos dois, Ellis e Pepe — disse Rahmi. — Para ser franco, ele *tem* de vos conhecer, caso contrário a operação está cancelada; é esse amigo que nos dá o dinheiro para os explosivos, os carros, os subornos, as armas e tudo o resto.

— Porque quer ele conhecer-nos? — indagaram Ellis e Pepe.

— Quer ter a certeza de que a bomba vai funcionar e quer saber se pode confiar em vocês — explicou Rahmi, em tom de desculpa. — Só precisam de lhe mostrar a bomba e de lhe explicar como funciona, apertar-lhe a mão, deixá-lo olhar-vos nos olhos. É pedir de mais, tratando-se do homem que torna tudo possível?

— Por mim pode ser — disse Ellis.

Pepe hesitou. Queria o dinheiro que ganharia na operação — queria sempre dinheiro, como os porcos querem sempre a gamela —, mas detestava conhecer pessoas novas.

Ellis argumentou.

— Ouve, estes grupos de estudantes florescem e morrem como mimosas na primavera, e não tarda muito para que Rahmi saia de cena. Mas, se conheceres o «amigo», então poderás continuar a fazer negócios mesmo depois de Rahmi desaparecer.

— Tens razão — concordou Pepe, que não era um gênio mas conseguia compreender os princípios gerais das coisas, se lhe fossem explicados com simplicidade.

Ellis comunicou a Rahmi que Pepe aceitara, e Rahmi marcou o encontro entre os três para o domingo seguinte.

Ellis acordou naquela manhã na cama de Jane. Acordou abruptamente, sentindo-se assustado, como se saísse de um pesadelo. Lembrou-se um momento depois do motivo por que estava tão tenso.

Olhou para o relógio. Ainda era cedo. Reviu mentalmente o plano. Se tudo corresse bem, aquele dia seria a conclusão triunfante de mais um ano de trabalho paciente e cuidadoso, e poderia partilhar o triunfo com Jane, se ainda estivesse vivo ao fim do dia.

Virou a cabeça para a observar, mexendo-se devagar para não a despertar. O seu coração bateu mais depressa, como sempre acontecia quando lhe via o rosto. Ela estava deitada de barriga para cima, o nariz arrebitado a apontar para o teto, o cabelo escuro espalhado pela almofada como as asas abertas de um pássaro. Ellis contemplou a boca generosa, os lábios cheios que o beijavam com tanta frequência e com tanto ardor. O sol da primavera revelava a penugem loura nas suas faces — a sua barba, dizia ele, quando queria provocá-la.

Era um deleite excepcional vê-la assim, em repouso, o rosto descontraído e sem qualquer expressão. Normalmente era animada — ria, franzia a testa, fazia caretas, demonstrando surpresa, ceticismo ou compaixão. A expressão mais comum era um sorriso malicioso, como o de um rapazinho travesso que acaba de pregar uma partida particularmente marota. Só quando dormia ou se concentrava em algum pensamento é que ficava assim; contudo, era como ele mais a amava, pois agora, quando se mostrava indefesa e desinibida, a sua aparência insinuava a sensualidade lânguida que ardia logo abaixo da superfície, como um fogo subterrâneo, lento e quente. Quando a via assim, as suas mãos ansiavam tocá-la.

Isso surpreendera-o. Quando a conhecera, pouco depois de chegar a Paris, Jane parecia-lhe a ativista típica que se encontrava

sempre entre os jovens e os radicais nas grandes cidades, a presidir a comités e a organizar campanhas contra o *apartheid* e a favor do desarmamento nuclear, a liderar marchas de protesto por El Salvador e pela contaminação das águas, a angariar dinheiro para a população faminta do Chade e a tentar promover um jovem e talentoso cineasta. As pessoas sentiam-se atraídas pela sua beleza, cativadas pelo seu encanto e contagiadas pelo seu entusiasmo. Ellis saíra com ela algumas vezes, apenas pelo prazer de ver uma mulher bonita devorar um bife; e depois — nunca conseguia lembrar-se exatamente de como acontecera — descobrira que dentro daquela rapariga excitante havia uma mulher ardente, e apaixonara-se por ela.

Os seus olhos percorreram o pequeno apartamento. Contemplou com satisfação os objetos pessoais familiares de Jane que marcavam o lugar como seu: um belo candeeiro feito com uma pequena jarra chinesa; uma estante com livros sobre economia e pobreza mundial; um sofá grande e macio, onde uma pessoa podia afundar-se; uma fotografia do pai, um homem bonito num jaquetão, provavelmente tirada no início dos anos sessenta; uma pequena taça de prata que conquistara com o seu pônei *Dandelion*, dez anos antes. *Ela tinha então treze anos*, pensou Ellis, *e eu, vinte e três; enquanto ela ganhava provas com o pônei em Hampshire, eu estava no Laos, a instalar minas antipessoais no Trilho de Ho Chi Minh.*

Quando conhecera o apartamento, quase um ano antes, Jane acabara de se mudar para lá, vinda dos subúrbios, e aquele era então bastante espartano: uma pequena assoalhada num sótão, com uma cozinha enfiada numa alcova, um chuveiro num roupeiro e uma sanita do outro lado do vestíbulo. Aos poucos, ela transformara uma mansarda sombria num ninho aconchegante. Ganhava um bom ordenado como intérprete, traduzindo do francês e do russo para inglês. Porém, a renda também era alta — o apartamento ficava perto do Boulevard St. Michel —, por isso tivera cuidado com as compras, poupando o dinheiro para a mesa de mogno certa, a cama antiga e o tapete de Tabriz. Era aquilo a que o pai de Ellis chamaria «uma mulher de classe». *Vais gostar dela, pai*, pensou Ellis. *Vais ficar louco por ela.*

Virou-se de lado, ficando de frente para ela, e o movimento despertou-a, como ele sabia que aconteceria. Os enormes olhos azuis de Jane contemplaram o teto por uma fração de segundo, depois ela fitou-o, sorriu e aninhou-se nos seus braços.

— Olá — murmurou Jane, e ele beijou-a.

Sentiu uma ereção no mesmo instante. Continuaram assim, como estavam, enlaçados, meio adormecidos, beijando-se de vez em quando; depois, Jane passou uma perna por cima das ancas de Ellis e começaram a fazer amor, languidamente, sem falar.

Quando se tinham tornado amantes e começaram a fazer amor de manhã e à noite, e muitas vezes a meio da tarde também, Ellis partira do princípio de que aquela paixão não duraria muito e que, ao fim de alguns dias, talvez umas poucas semanas, a coisa deixaria de ser novidade e passariam para a média estatística de duas vezes e meia por semana ou coisa do género. Mas enganara-se. Um ano depois, ainda faziam amor como se estivessem em lua de mel.

Jane estendeu-se por cima de Ellis, deixando que todo o seu peso repousasse no corpo dele. A sua pele húmida colava-se à dele. Ellis abraçou o seu corpo pequeno enquanto a penetrava ainda mais fundo. Ela sentiu que o orgasmo de Ellis se aproximava, levantou a cabeça e fitou-o, depois beijou-o com a boca aberta, enquanto ele se vinha dentro dela. No instante seguinte, ela soltou um gemido baixo e estridente, e Ellis sentiu-a a vir-se, um orgasmo prolongado, suave e ondulado digno de uma manhã de domingo. Ela continuou por cima dele, ainda meio adormecida. Ellis afagou-lhe os cabelos.

Ao fim de algum tempo, ela mexeu-se.

— Sabes que dia é hoje?

— Domingo.

— É o teu domingo de fazer o almoço.

— Não me esqueci.

— Ótimo. — Houve uma pausa. — O que vais fazer?

— Bife, batatas, ervilhas, queijo de cabra, morangos com *chantilly*.

Jane levantou a cabeça, a rir.

— Fazes sempre isso!

— Nem sempre. Da última vez comemos feijão-verde.

— E na vez anterior esqueceste-te, e por isso fomos comer fora. Não achas que devias variar um pouco?

— Ei, espera aí. O combinado foi que cada um faria o almoço em domingos alternados. Ninguém disse coisa alguma sobre fazer um almoço *diferente* de cada vez.

Ela tornou a tombar para cima dele, simulando derrota.

O trabalho daquele dia estivera sempre num canto da mente de Ellis. Precisaria da ajuda inconsciente de Jane, e aquele era o momento de a pedir.

— Tenho de me encontrar com o Rahmi esta manhã — começou ele.

— Está bem. Encontro-me contigo depois, no teu apartamento.

— Há uma coisa que podias fazer por mim, se não te importares de chegar lá um pouco mais cedo.

— O que é?

— O almoço. Não! Não! Estava a brincar. Quero a tua ajuda numa pequena conspiração.

— Continua.

— O Rahmi faz anos hoje e o seu irmão Mustafa está em Paris, mas ele não sabe. — *Se tudo correr bem*, pensou Ellis, *nunca mais te mintu*. — Quero que o Mustafa apareça de surpresa na festa de anos do Rahmi, mas vou precisar de uma cúmplice.

— Conta comigo. — Jane saiu de cima dele e sentou-se na cama, cruzando as pernas. Os seus seios eram como maçãs, macios, redondos e firmes. As pontas dos cabelos roçavam nos mamilos.

— O que tenho de fazer?

— É simples. Preciso de dizer ao Mustafa aonde ir, mas o Rahmi ainda não decidiu onde quer comer. Por isso, só poderei dar o recado ao Mustafa no último minuto. O Rahmi provavelmente estará ao meu lado quando eu telefonar.

— Qual é a solução?

— Eu ligo-te. Vou dizer disparates. Ignora tudo, menos a morada. Depois liga ao Mustafa, dá-lhe a morada e explica-lhe como lá chegar.

Tudo soara perfeito quando Ellis concebera o plano, mas agora parecia muito pouco plausível.

Jane, no entanto, não desconfiou de nada.

— Parece bastante simples.

— Ótimo — disse Ellis bruscamente, disfarçando o seu alívio.

— Depois de telefonares, quanto tempo levarás a chegar?

— Menos de uma hora. Quero esperar para ver a surpresa, mas não vou almoçar com eles.

A expressão de Jane era pensativa.

— Eles convidaram-te, mas não a mim.

Ellis encolheu os ombros.

— Suponho que é uma comemoração masculina.

Tirou o bloco da mesa de cabeceira e escreveu «Mustafa» e o número de telefone.

Jane saiu da cama e foi até ao cubículo do chuveiro. Abriu a porta e a torneira. A sua disposição mudara. Já não sorria.

— Porque estás zangada? — perguntou Ellis.

— Não estou zangada, mas às vezes não gosto da maneira como os teus amigos me tratam.

— Sabes como são os turcos com as raparigas.

— Exatamente... *raparigas*. Não se importam com mulheres respeitáveis, mas eu sou uma *rapariga*.

Ellis suspirou.

— Nem parece teu incomodares-te com atitudes pré-históricas de alguns chauvinistas. O que estás *realmente* a tentar dizer-me?

Ela refletiu por um momento, nua, ao lado do chuveiro, e era tão deslumbrante que Ellis sentiu vontade de fazer amor outra vez.

— Acho que estou a querer dizer que não gosto do meu estatuto. Estou comprometida contigo, todos sabem isso... não durmo com mais ninguém, nem sequer saio com outros homens... mas tu não estás comprometido comigo. Não vivemos juntos, não sei onde vais ou o que fazes na maior parte do tempo, não conhecemos os pais um do outro... e as pessoas sabem de tudo isso e tratam-me como uma pega.

— Estás a exagerar.

— É o que dizes sempre.

Jane entrou na cabina e bateu com a porta. Ellis tirou a máquina de barbear da gaveta onde guardara o seu estojo e foi barbear-se no

lava-louça. Já haviam tido aquela discussão antes, muito mais prolongada, ele sabia o que havia por trás: Jane queria que vivessem juntos.

Ele também queria, claro; queria casar-se com ela, viver ao seu lado o resto da vida, mas tinha de esperar até aquela operação terminar e não podia dizer-lhe isso, portanto murmurava coisas como «não estou pronto» e «preciso de mais tempo», e as evasivas enfureciam Jane. Ela achava que um ano era muito tempo para amar um homem sem lhe arrancar qualquer tipo de compromisso. E estava certa, claro. Contudo, se tudo corresse bem naquele dia, Ellis poderia resolver o problema de uma vez por todas.

Acabou de fazer a barba, enrolou a máquina numa toalha e guardou-a de novo na gaveta.

Jane saiu do chuveiro e ele tomou o seu lugar. *Não estamos a falar*, pensou Ellis, *isto é uma tolice*.

Enquanto ele tomava duche, Jane fez café. Ellis enfiou rapidamente umas calças de ganga desbotadas e uma *T-shirt* preta e sentou-se em frente dela na mesa de mogno. Jane serviu-lhe café.

— Quero ter uma conversa séria contigo — anunciou.

— Está bem — apressou-se Ellis a responder. — Deixemos isso para a hora do almoço.

— Porque não agora?

— Não tenho tempo.

— O aniversário do Rahmi é mais importante do que o nosso relacionamento?

— Claro que não. — Ellis percebeu o seu tom de irritação e uma voz advertiu-o: *sê meigo ou podes perdê-la*. — Mas prometi que iria, e cumprir as promessas é importante, ao passo que não parece tão importante termos esta conversa agora ou mais tarde.

O rosto de Jane assumiu uma expressão determinada, obstinada, que Ellis já conhecia: ela exibia-a quando tomava uma decisão e alguém tentava desviá-la do seu caminho.

— É importante para *mim* termos esta conversa *agora*.

Por um momento, Ellis sentiu-se tentado a contar-lhe imediatamente toda a verdade. Mas não fora assim que planeara as coisas. Dispunha de pouco tempo, estava concentrado noutra coisa, não se encontrava preparado. Seria muito melhor deixar a conversa para

depois, quando ambos estivessem descontraídos e ele pudesse dizer-lhe que o seu trabalho em Paris já fora concluído.

— Acho que estás a ser tola e não me deixarei intimidar, Jane. Peço-te que conversemos depois. Agora tenho de ir.

Ele levantou-se. Enquanto se encaminhava para a porta, Jane disse:

— O Jean-Pierre convidou-me para o acompanhar ao Afeganistão.

Era algo tão inesperado que Ellis teve de pensar por um instante, antes de poder absorver a informação.

— Estás a falar a sério? — perguntou, incrédulo.

— Estou, sim.

Ellis sabia que Jean-Pierre estava apaixonado por Jane. O mesmo acontecia com meia dúzia de outros homens; essas coisas eram inevitáveis com uma mulher como ela. No entanto, nenhum dos homens era um rival sério; ou pelo menos ele pensara que não, até àquele momento. Ellis começou a recuperar o controlo.

— Porque haverias de querer visitar uma zona de guerra com um tipo fraco e insípido?

— Isto não é uma brincadeira! — protestou Jane, com veemência. — Estou a falar da minha *vida*!

Ele abanou a cabeça, ainda incrédulo.

— Não podes ir para o Afeganistão.

— Porque não?

— Porque me amas.

— Isso não significa que tenho de estar à tua disposição.

Pelo menos ela não dissera «Não amo, não». Ellis olhou para o relógio. Era uma situação absurda: dentro de poucas horas iria dizer-lhe tudo o que ela queria ouvir.

— Não estou disposto a fazer isto, Jane. Estamos a falar do nosso futuro e não é uma conversa que possa ser precipitada.

— Não vou esperar eternamente.

— Nem estou a pedir-te que esperes eternamente. Só te peço mais algumas horas. — Afagou-lhe o rosto. — Não vamos discutir por causa de algumas horas.

Jane levantou-se e beijou-o na boca, com força.

— Não vais ao Afeganistão, pois não? — perguntou ele.

— Não sei.

Ele tentou um sorriso.

— Pelo menos não antes do almoço.

Ela retribuiu o sorriso e assentiu.

— Muito bem, não antes do almoço.

Ellis fitou-a por mais um momento e depois saiu.

Os passeios amplos dos Campos Elísios estavam cheios de turistas e parisienses no seu passeio matinal, movendo-se como ovelhas num cercado ao sol quente da primavera, e todos os cafés com esplanada se encontravam repletos. Ellis parou perto do sítio combinado, carregando uma mochila que comprara numa loja de malas baratas. Parecia um americano à boleia pela Europa.

Gostaria que Jane não tivesse escolhido aquela manhã para um confronto. Ela devia estar a remoer naquilo agora e mostrar-se-ia irritada quando ele voltasse.

Muito bem, teria de a amansar durante algum tempo.

Afastou Jane dos pensamentos e concentrou-se na tarefa que o aguardava.

Havia duas possibilidades para a identidade do «amigo» de Rahmi, o homem que financiava o pequeno grupo terrorista. A primeira era que fosse um turco rico, amante da liberdade, que decidira, por motivos políticos ou pessoais, que a violência contra a ditadura militar e os seus apoiantes era justificada. Se fosse esse o caso, então Ellis ficaria desapontado.

A segunda possibilidade era tratar-se de Boris.

«Boris» era uma personagem lendária nos círculos em que Ellis se movia — entre os estudantes revolucionários, os exilados palestinianos, os conferencistas políticos ocasionais, os editores de jornais extremistas mal impressos, os anarquistas, os maoístas e os arménios, os vegetarianos militantes. Dizia-se que era um russo, um homem do KGB disposto a financiar qualquer ato de violência esquerdista no Ocidente. Muitos duvidavam da sua existência, especialmente os que tinham tentado e falhado obter fundos dos russos. Mas Ellis reparara, de vez em quando, que um grupo que passara meses sem fazer nada a não ser queixar-se de que não tinha dinheiro

sequer para comprar uma máquina de fotocópias deixava de repente de falar em dinheiro e ficava muito preocupado com a segurança; e, pouco depois, havia um rapto, um tiroteio ou uma bomba.

Era certo, pensou Ellis, que os russos davam dinheiro a grupos como o dos dissidentes turcos: não podiam resistir a aproveitar uma possibilidade tão barata e tão pouco arriscada de causar problemas. Além disso, os Estados Unidos financiavam raptos e assassínios na América Central, e não imaginava que a União Soviética fosse mais escrupulosa do que o seu próprio país. Como o dinheiro naquele ramo não era guardado em contas bancárias ou transferido, alguém precisava de entregar as notas pessoalmente; logo, tinha de haver um Boris.

Ellis queria muito conhecê-lo.

Rahmi apareceu às dez e meia em ponto, com um polo *Lacoste* cor-de-rosa e calças castanho-claras muito bem engomadas. Parecia nervoso. Lançou um olhar penetrante a Ellis e depois desviou a cabeça.

Ellis seguiu-o, mantendo-se dez ou quinze metros atrás, como tinham combinado.

Na esplanada seguinte estava sentado a uma mesa o vulto gordo e musculoso de Pepe Gozzi, com um fato de seda preta, como se tivesse saído da missa, o que provavelmente era verdade. Tinha no colo uma pasta grande. Levantou-se e começou a andar mais ou menos ao lado de Ellis, de tal forma que um observador casual não saberia se estavam juntos ou não.

Rahmi começou a subir a rua em direção ao Arco do Triunfo.

Ellis observou Pepe pelo canto do olho. O curso possuía um instinto animal para a autopreservação: discretamente, verificou se estavam a ser seguidos — uma vez quando atravessou a estrada e pôde olhar naturalmente para a avenida, enquanto esperava que o sinal mudasse, a outra ao passar por uma loja de esquina, onde podia ver as pessoas que vinham atrás dele refletidas na montra diagonal.

Ellis gostava de Rahmi, mas não de Pepe. Rahmi era sincero, um homem de princípios, e as pessoas que matava provavelmente mereciam morrer. Pepe era muito diferente. Fazia aquilo por dinheiro e porque era muito grosseiro e estúpido para sobreviver no mundo dos negócios legais.